

ECLOGA PASTORIL,

EM QUE SE TRATA OS GRANDES EXCESSOS, QUE O PASTOR

AONIO

OBROU PELA PASTORA

JULMINA:

Composta pelo Ajudante

ANTONIO JOZE PEREIRA CORTEZ.

PRIMEIRA PARTE.



Aonio. Sendo em hum certo dia de Janeiro,
Que na minha lembrança inda hoje mora,
Quando o Sol já dourando o valle, e outeiro,
Tinha feito extinguir a branca Aurora.
Já quando dos curraes todo o cordeiro,
As vacas, e os cabritos eraõ fóra,
Abuscarem sustento saboroso
Pelos matos, daquelle mais viçoso.

A

Já

6

Já todo o passarinho mui contente,
 Ligeiro pelos ares vai voando,
 E no cantar mostrando alegremente,
 O gosto que aos Pastores hia dando:
 As Serranas ás fontes brevemente
 Com os cantaros vaõ, agua buscando;
 Para o jantar fazer lá na Cabana,
 Como costume he, n'uma Aldeana.

Já o velho Pastor ao Valle desce,
 Para a quentar-se ao Sol, temendo o frio;
 E o gado lá das Serras corre, e cresce;
 Velóz para beber agua no Rio:
 O pelcador no barco ancioso tece
 A parda rede, com seu brando fio,
 Para o peixe a panhar nos embaraços,
 Tal como o passarinho cahe nos laços.

Já se avistava bem ao-longe a serra,
 E lá nella as ferranas trabalhando,
 Huma no tarro o branco leite em cerra,
 Outra se vê na roca estar fiando.
 Para alli se distingue a grande terra,
 Estarem camponezes semeando
 De trigo, de senteyo, e de sevada,
 Para em Julho colherem na carrada

Dos

Dos Pastores se ouviaõ docemente
 Das flautas , doces himnos sonorosos ,
 Que faziaõ a gente estar contente ,
 E aballar altos montes pedregosos :
 As Pastoras tambem alegremente
 Cantavaõ pensamentos amorosos ,
 Era dia de pena , e de alegria ,
 Para huns feliz , para outros de agonía.

Nem os lobos , lagartos , cobra , ou fera ,
 Se dividavaõ já na relva fria ,
 Elcondidos estavaõ , pois já era ,
 Taõ alto Sol , que bem resplendecia.
 Estava o dia como Primavera ,
 Que huma manhã de Mayo parecia ,
 Com vocando com tantos resplendores
 Alegria geral entre os Pastores.

Em este mesmo dia de que fallo ,
 Foi dia para mim de tal ventura ,
 Que me causou no peito tanto aballo ,
 Como quem acha luz na noute escura :
 Mas se he bem que publique quanto callo ,
 Por contar o prazer , e desventura ;
 Em verentaõ alli huma Pastora ,
 Se eu a não visse lá ; melhor me fora.

Neste dia partindo com meu gado,
 Para pollo a passar em hum Outeiro,
 Bem do gosto que tive descuidado,
 Esta Pastora vi em hum Ribeiro:
 E ficando de a ver sobrefaltado,
 Por competir c' o Sol o seu luzeiro,
 Alli lhe fiz logo huma cortezia,
 E ella outra tez de lá com alegria..

Era esta taõ formosa, linda, e bella ;:
 Que quasi competencia ao Sol fazia,
 E por ver tantas luzes Delio nella,
 Poucas vezes entaõ apparecia:
 Como a julgava ser brilhante Estrella ;:
 E que c' o seu luzir competeria,
 Temendo naõ brilhar, se envergonhava ;:
 E c' o mato das nuyens se enbuçava..

Eraõ seus olhos tochas rutilantes,
 Que chuveiros de luzes ser podiaõ,
 As faces na caradas, e brilhantes,
 Que ás de Venus pör lindas excediaõ..
 Os dentes claros, beigos taõ galantes,
 Que folhinhas de rozas pareciaõ,
 O cabello taõ lindo, bello, e louro!
 Num monte de cristal com fios de ouro.

Era

Era taõ meiga, affavel, e formosa,
Como gentil, discreta, e delicada,
Taõ rica, como nobre, e graciosa,
Porque de nobres Pays, era amorgada.
Estava com Avós, por mais mimosa,
Pois de menina foi lá educada,
E contava neste tempo treze annos,
Mas nelles já com dons mui soberanos.

Fui para lhe fallar, mas receoso
Com temor de chegar a tal beldade,
Porque quando o objecto he Magestoso,
O Vassallo respeita a Magestade.
Cheguei, communicando-lhe amoroso
Os intentos que tinha na vontade;
Respondeo-me: Aceitava os sacrificios,
Com tanto que de amor não désse indicios.

Intimou-me, que quando não podesse
Fallar-me no Casal, ou na Fronteã;
Que promptamente logo lhe escrevesse,
E que os escritos désse eu a Androméa:
Supposto era Pastora conhecesse,
Era dona de toda aquella Aldêa;
E se o Gado trazia no aposento,
Era só pelo seu divertimento.

Disse: Tinha criadas, e criados,
 E seus Avós, e Pais, muita riqueza;
 E que punha no Campo muitos Gados,
 Com que bem sustentar sua grandeza:
 E que se os meus amores dedicados
 Eraõ laços da mais honrada empreza;
 Que o partido aceitava mui gostosa,
 Protestando de ser firme amorosa.

Assim continuei com esta gloria,
 Não menos que por tempo de tres annos;
 Porém foi minha dita transitoria,
 Porque em ella lhe achei muitos enganos:
 Ninguem pôde passar mais triste historia
 Do que eu experimentei, com tantos danos;
 Pois julgando a Pastora me adorava,
 Ao depois conheci que me enganava.

Fiz por esta Pastora taes excessos,
 Que he impossivel possa numerallos;
 Pois creio se encheriaõ mil processos
 Se quizesse c'õ a pena hoje expressallos:
 Só sim direi alguns de mais apressos
 Por não poder deixar de publicallos;
 Pois chegáraõ a extremo taõ constante,
 Que como os meus, não faz nenhũ amante.

Assim

Affim que comecei logo adoralla ,
Amizade deixei dos mais Pastores ,
Cuidando muito em nunca a mofinalla ,
Por não lhe motivar penas , nem dores.
Entrei com bellas prendas a brindalla ,
Sem querer recompensa de primores ;
E só lhe disse que fé me guardasse ,
E que outro mais Pastor não adorasse.

Nunca mais me importou tratar do Gado ,
Nem vello pelo mato andar perdido ,
Porque só era todo o meu cuidado ,
Devélle do meu bem appetido :
Deixei Jogo , Cabana , e o meu Cajado ;
Só cuidando em andar bem presumido ,
Vestindo-me das pelles dos Carneiros ,
Daquelles que morrião nos Oiteiros.

Por tres annos andei nesta fadiga ,
Esperando fortuna melhorada ;
Mas como sempre foi minha inimiga ,
A gloria para mim sahio frustrada :
E se mais a razão dizer me obriga
A fallar desta fera inficionada ,
Eu creyo , que ella em si tem tal veneno ;
Que póde inficionar hum Prado ameno.

Mas como repetindo nesta brenha
 Os meus males estou, sem ter conforto ;
 Velóz correndo parto áquella penha
 Para de la cair, e ficar morto :
 E antes que socorrer alguem me venha,
 Ou veja da inconstancia aquelle aborto,
 (*Motivo principal da minha morte,*)
 Melhor he que me mate desta sorte.

Jul. A donde vás Aonio? Espera hũ pouco!
 O teu fim não procures dessa sorte,
 Porque se a meu respeito estás já louco,
 O remedio não he buscar a morte :
 Em este Carvalho, que está ouco
 Do tempo, e do caruncho, sendo forte ;
 Alli mesma escondida tenho ouvido,
 Quanto tu contra mim tens proferido.

Aon. Ah tiranna, cruel; fera, homicida;
 He possivel que ainda venhas ver-me!
 Será porque ques ver se acabo a vida,
 Ou saber se por ti eu vou perder-me!
 Deixa, não me detenhas a partida;
 Que contigo eu não posso já deter-me;
 Vai para o teu Casal viver contente,
 Que eu no Téjo me affogo brevemente.

Jul.

57

Julmin. Não te affogues assim desesperado,
 Nem quero por mim obres tal loucura;
 Vai buscar a manada, e o teu cajado;
 E outra melhor Pastora aqui procura:
 Se eu por meu gosto tenho ati deixado,
 He porque nunca a forte firme atura;
 Quiz te bem, he verdade, cu o confesso;
 Porém ha muitos tempos te aborresso.

Aon. Aborreces! E quando me adoravas,
 Não te lembraõ caricias de algum dia,
 Quando tu tantas vezes me fallavas
 Com gosto, com prazer, com alegria!
 E que lá na janella me esperavas,
 Em qualquer noite quente, ou fosse fria;
 E que ver-me era só todo o teu gosto,
 A fim de me fallar, ou ver-me o rosto?

Já te não lembras, quando á Freguezia
 Comtigo á Missa hia, e ver a festa;
 E lá com attensaõ sempre assistia
 Ouvindo o bom sermaõ, gloria, e orquesta:
 E posto que lá grande inveja havia
 Nos rusticos Pastores da floresta,
 Eu no Casal te punha mui contente,
 Com disfar-se por môr da tua gente.

Quan-

Quantas vezes por Flavo te mandava
 Os bollos, as maçans, queijadas, peras;
 E contente depois lhe perguntava
 Se ás escondidas tu isto comeras?
 E nem com taes extremos te obrigava
 A que o meu amor bem lá conheceras;
 Mas já sei que he desgraça de hum amante,
 No Mundo não achar mulher constante.

Quantas vezes sahi eu da Cabana,
 De lorte neste amor tão insensato,
 Que por já conhecer-te deshumana,
 Dos caminhos perdia o rumo, e o tato:
 O' maldito amor, loucura insana;
 Que faz que hum Pastor ande mentecato,
 Mas ó Ceos! Perdoai o meu delirio,
 Não permitais que acabe em tal martirio.

E não te lembras, quando te mudaste
 De huma Aldêa, para outra mais distante?
 Por ventura dirás que me avizaste?
 Não te procurei logo como amante?
 He certo que dizer-mo não mandaste,
 Porque já entãõ eras inconstante,
 E com tudo aos moinhos não fui logo,
 Por livrar meu amor do ardente fogo.

Quan-

55
Quantas vezes fui mais por teu respeito
Além do largo Téjo, só a ver-te;
Sem temer-me que as ondas fossem leito
Da minha sepultura, e eu perder-te:
E lá em essa terra ati fogueito,
Sem commodo vivia por querer-te;
E ás vezes sem comer no campo estava,
E toda a noite ao tempo alli passava.

Em outras noites, lá n' uma cazinha
Taõ pobre, que bastava ler terreira;
Esperando por quem fallar-me vinha,
Eu me deitava em huma rota esteira:
Alli em toda a noite me detinha,
Julgando se serias lizongeira,
Ou te conseguiria os doces laços,
Para apertar-te em meus amantes braços.

Que fizeste tiranna aos meus escritos,
Que entreguei a Androméa, Tirso, e Flavo;
Em os quaes hiaõ nelles manuscritos
Os meus excessos, sem fazer-te agravo:
Em outros que por cauza dos conflicts
Nós passamos, os dei ao teu escravo,
Que conta me dás delles? Dize agora,
E a resposta me dá sem mais demora.

Jub.

Julmin. Já enfadada estou neste dezerto,
 De te ouvir narração, tão dilatada;
 Bem conheço que fiz máo dezacerto
 Deixar-te, sem razão justificada:
 Mas se a vontade he livre, como he certo;
 Porque queres que eu fique criminada,
 Nesta Aldêia tens Silvia, Clara, e Flora;
 Com gosto teu amor nellas milhora.

Os escritos que pedes le rasgáraõ,
 Pois não quiz ter de ti letras nenhuma,
 E depois em o fogo se queimáraõ
 Por não ver com meus olhos tantas ruma:
 Todos em cinza, e pó se transformáraõ;
 Tenho dito, e em mais me não consumas;
 Que mais queres saber? Que mais pertendes;
 Não crês q̃ te não quero? Não me entêdes?

Aon. Pois tu não foste a mesma neste Outeiro
 Que juraste comigo casarias,
 E que visto ser eu do amor primeiro,
 O tálamo com gosto exercirias!
 O mesmo não disseste no Ribeiro,
 Que por mim mil finezas obrarias!
 Pois como agora queres por vontade
 Perder palavra, amor, fé, e verdade.

E he

E he possivel que vivas taõ contente,
 Com encargos taõ grandes sobre o peito,
 Sem pedires a Deos continuamente
 Perdaõ de todo o mal que me tens feito:
 Eu quanto a mim, de muito boamente
 Te perdo-o Pastora o teu defeito;
 Mas creyo que esta grande a leivozia,
 Avirás a pagar inda algum dia.

Jul. Tuas queixas Aonio tenho ouvido,
 Que louco contra mim tens publicado,
 Bem conheço te dás por offendido,
 Naõ nego sem razãõ ter-te deixado:
 Mas se he livre o querer, como he sabido;
 Por que te mostras taõ amofinado,
 E já que á força queres que te queira,
 Hoje de mim desterra tal cegueira.

Com gosto pertendi ser tua espoza,
 Quiz-te bem, como tu bem conhecias;
 Teus olhos me faziaõ exttemoza,
 E por ti andei louca muitos dias:
 Mas depois fui ficando delgostoza
 Pelos muitos excessos que fazias,
 Pois de qual quer acçaõ formavas zellos,
 Motivados dos teus grande desvellos.

E co-

E como já hē tarde , e vem chegando
 As trevas a cobrir , Valles , e Montes ;
 Lá para o meu Casal vou caminhando
 Para passar com dia aquellas Pontes :
 Os caminhos dos matos vou pizando ,
 Em quanto luz me daõ os Orizontes ;
 Pois se nos vir alguẽm nesta espeffura ,
 Naõ quero julgue amor , inda em nós dura.

E por que tu naõ vivas enganado ,
 Dezeengano te dou nesta partida ;
 Affirmando de mim estás deixado
 Para naõ te ver mais na minha vida :
 Se n' outro tempo foste meu amado ,
 Hoje de ti me aparto aborrecida ,
 E posto teneguei o matrimonio ,
 Hum abraço me dá , e a Deos Aonio.

Aon. Vai-te mulher tirana , infame ingrata ;
 Natureza da mais horrenda Fera ,
 Que se tal despedida hoje me mata ,
 Outra morte mais torpe ati te espera :
 Se mal pagaste minha fe taõ grata ,
 Com enganõs , lizonjas , e quimera ;
 Hum Pastor amarás , que o Ceo destine ;
 Que tanta aleivozia injusta ensine.

Vai-

Vai-te, por que eu d' agora já não quero
Mais amor feminino, nem ver mulheres;
Porque nos teus enganamentos considero,
E de o tempo perder nos meus quereres:
Mas hum tempo virá, no qual espero
Que bem te peze ati de me perderes;
Se com outro Pastor fores calada,
Que te trate com vida amargurada.

Assim o queira o Ceo por teu castigo,
Já que tantos pezares me tens dado;
Pois perdi do consorcio o doce abrigo,
Por teu fingido amor ter-me enganado:
Porém, com quem fallo! Eu não sei q' digo!
Já fugiste tirana? Estou pasmado!
O' faiba o Mundo já minha agonia,
E desta vil Pastora aleivozia.

E tu Pastor, que leffes os successos;
E loucuras da minha mocidade,
Não sigas os meus erros, obra excessos;
Pelo Ceo, que he caminho da verdade:
Da terra deixa os seus gostos avessos,
Porq' tudo tudo no Mundo he tempestade;
Serve a Deos, se ques ser Pastor ditoso;
E deixa o vil amor, torpe, e horroroso.

Naõ

Não ames mais Pastoras , que he leucura
 Gastar com ellas dias , mezes , annos ;
 Pois não sabes se o tempo te assegura ,
 Chegues a ver de amor os desenganos :
 Porque a vida he mortal , logo procura
 O remedio pôr prompto a tantos danos ,
 Olha que o tempo he breve , e a morte certa ;
 E o juiz tudo vê , e está á lerta .

Agora que fiquei desengado ,
 E estou já desta vida transitoria ,
 sómente em pregarei todo o cuidado ,
 Em pôr os meus pecados na memoria :
 Do tempo que passei mal empregado ,
 O perdaõ pedirei ao Deos da Gloria ;
 E apurando já minha consciencia ,
 N' um Hermo irei morrer com penitencia .

F I M.

L I S B O A ,

Na Officina de FRANCISCO BORGES DE SOUSA;

ANNO M.DCC.LXXXV.

Com licença da Real Meza Censoria.